



FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 27 DE JULHO, DE 2026 - 21H00



“Jackie Brown” (Jackie Brown, 1997), realizado por Quentin Tarantino, ocupa um lugar singular na filmografia do seu autor. Depois do impacto explosivo de Reservoir Dogs e da revolução estética provocada por Pulp Fiction, muitos esperavam uma nova demonstração de exuberância formal e violência estilizada. Tarantino surpreendeu, porém, ao realizar o seu filme mais contido, mais clássico e talvez o mais maduro da sua carreira. Adaptando o romance Rum Punch, de Elmore Leonard, o realizador abdica do virtuosismo ostensivo para construir um policial

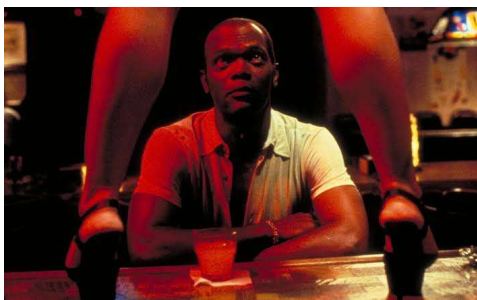
elegante, assente sobretudo nas personagens e nos seus dilemas.

Jackie Brown (Pam Grier) é uma hospedeira de bordo de meia-idade que complementa o modesto salário transportando dinheiro para Ordell Robbie (Samuel L. Jackson), um traficante de armas tão sedutor quanto imprevisível. Quando é detida pelas autoridades, Jackie percebe rapidamente que a única forma de sobreviver passa por jogar simultaneamente com a polícia e com o criminoso, transformando-se na peça central de um elaborado jogo de manipulação onde ninguém conhece verdadeiramente as intenções dos outros.

Ao contrário da estrutura fragmentada de Pulp Fiction, “Jackie Brown” desenvolve-se de forma linear e paciente, permitindo que cada personagem encontre o seu espaço e que a tensão cresça gradualmente. Tarantino demonstra aqui uma invulgar contenção narrativa. Os diálogos continuam a possuir o ritmo e a musicalidade que o tornaram conhecido, mas surgem menos como demonstrações de estilo e mais como instrumentos de construção psicológica. O realizador parece mais interessado em observar as pessoas do que em surpreender constantemente o espectador.

É também um filme profundamente marcado pelo tempo. As personagens pertencem, quase todas, a uma geração que já conheceu dias melhores e procura uma última oportunidade para mudar de vida. Não há jovens invencíveis nem criminosos glamorosos. Há homens e mulheres cansados, conscientes das oportunidades perdidas e da proximidade do fracasso. Essa melancolia atravessa discretamente toda a narrativa e distingue “Jackie Brown” do restante cinema de Tarantino.

A escolha de Pam Grier para o papel principal constitui uma das decisões mais felizes do filme. Antiga estrela do cinema blaxploitation dos anos 70, a actriz encontra aqui o papel mais complexo da sua carreira, compondo uma mulher inteligente, resiliente e emocionalmente contida. Tarantino não a trata apenas como uma referência cinéfila; devolve-lhe verdadeiramente o estatuto de protagonista. Ao seu lado, Samuel L. Jackson



cria um dos grandes vilões do cinema americano recente, alternando charme, humor e explosões de violência com uma naturalidade desconcertante.

O elenco secundário é igualmente notável. Robert Forster, no papel do discreto fiador Max Cherry, oferece uma interpretação extraordinariamente subtil, marcada por pequenos gestos e silêncios que acabam por constituir o verdadeiro centro emocional do filme.

Robert De Niro surpreende ao interpretar um criminoso envelhecido, apático e permanentemente deslocado, enquanto Bridget Fonda compõe uma figura simultaneamente ingénua e provocadora. Até personagens de menor dimensão, como as interpretadas por Michael Keaton e Chris Tucker, acrescentam personalidade a um universo particularmente rico.

Outro dos grandes trunfos do filme reside na música. Fiel ao seu método habitual, Tarantino evita uma banda sonora original dominante e constrói antes uma extraordinária seleção de temas soul, funk e rhythm and blues dos anos 70. Canções de Bobby Womack, The Delfonics, Bill Withers ou Johnny Cash não funcionam apenas como acompanhamento musical; tornam-se parte integrante da identidade das personagens e da atmosfera nostálgica que envolve toda a narrativa.

Visualmente, “Jackie Brown” revela um Tarantino surpreendentemente clássico. Os longos planos, a montagem pouco ostensiva e a encenação depurada demonstram uma confiança rara na força dos actores e da escrita. Em vez de procurar constantemente chamar a atenção para a realização, o filme deixa que sejam os olhares, os diálogos e os pequenos gestos a conduzirem o espectador.

Visto hoje, “Jackie Brown” continua a ser talvez o filme mais subestimado de Quentin Tarantino. Menos exuberante do que as obras que o rodeiam na sua filmografia, é também uma das mais elegantes e emocionalmente ricas. Um policial onde o suspense nasce da inteligência das personagens e não da acumulação de violência, e onde um realizador conhecido pelo excesso demonstra que também domina, com igual mestria, a arte da contenção. É, porventura, o seu filme mais humano.

JACKIE BROWN



Título original: Jackie Brown

Realização: Quentin Tarantino (EUA, 1997); Argumento: Quentin Tarantino, baseado no romance Rum Punch de Elmore Leonard; Produção: Lawrence Bender; Produção executiva: Richard N. Gladstein, Bob Weinstein, Harvey Weinstein; Supervisão musical: Karyn Rachtman; tema original: "Across 110th Street", de Bobby Womack e J.J. Johnson; Fotografia (cor): Guillermo Navarro; Montagem: Sally Menke; Casting: Jaki Brown; Design de produção: David Wasco; Direcção artística: Daniel Bradford; Decoração: Sandy Reynolds-Wasco; Guarda-roupa: Mary Claire Hannan; Maquilhagem: John Blake, Toni G; Assistentes de realização: William Paul Clark, Eric Schwab; Departamento de arte: Carl Jules Weyl, Chris Cornwell, Michael E. Goldman, Leslie Morales; Som: Kevin O'Connell, Greg P. Russell, Dean A. Zupancic, Chuck Michael; Efeitos visuais: The Post Group; Companhias de produção: Miramax Films, A Band Apart;

Com: Pam Grier (Jackie Brown), Samuel L. Jackson (Ordell Robbie), Robert Forster (Max Cherry), Bridget Fonda (Melanie Ralston), Michael Keaton (Ray Nicolette), Robert De Niro (Louis Gara), Michael Bowen (Mark Dargus), Chris Tucker (Beaumont Livingston), LisaGay Hamilton (Sheronda), Tom Lister Jr. (Winston), Hattie Winston, Sid Haig, Aimee Graham, Ellis E. Williams, etc.

Duração: 154 minutos; Distribuição em Portugal: Lusomundo; Distribuição internacional: Miramax Films; Classificação etária: M/16 anos; Estreia em Portugal: 20 de Fevereiro de 1998.

FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 07 DE SETEMBRO DE 2026

Masterclass “Polícias e Ladrões - O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)

“GUARDIE E LADRI”, de STENO, MARIO MONICELLI (1951)